



Entre tentáculos e braços: o despertar da atenção para novas histórias e laços

Natália Bristot Migon¹

Renata Tomaz do Amaral Ribeiro²

Resumo

Situado no campo dos estudos que compreendem a “virada multiespécie” e a “virada ontológica” nas ciências sociais, este trabalho tem como questão central a reflexão sobre os modos de se fazer ciência, dando atenção a perguntas que possibilitem conhecer histórias de involução/coevolução e, assim, quem sabe, contemplar outros laços entre humanos e não humanos. Desse modo, em um contexto de desafios e oportunidades, convivências e ausências despertadas pelo isolamento domiciliar em contexto pandêmico, uma bióloga e uma cientista social, instigadas pela complementaridade de olhares e pelos estudos emergentes da quebra da dicotomia entre natureza e cultura, trocam o *perceber* pela *atentividade*, resultando em uma reflexão sobre a ciência e as relações entre natureza e cultura, humanos e não humanos e outras possíveis histórias. Tomamos como ferramenta um documentário audiovisual sobre um(a) polvo – no qual o cinegrafista (inspirado nos autóctones do deserto do Kalahari, que entram “na ciência sutil da natureza”) mergulha e compõe, por instantes, a floresta tridimensional de algas – e empregamos revisão bibliográfica para o desenvolvimento da reflexão. Os resultados dessa abordagem mostram os ganhos de elaborações provenientes do enlace entre tentáculos e braços e das práticas multidisciplinares, que, no contexto dos emaranhamentos entre humanos e não humanos, despertam sutilezas que potencializam a quebra de dicotomias. Afinal, com atenção e tato é possível formular perguntas que possam revelar histórias que propiciem, além da transmissão de fluxo gênico, a contemplação de afetos capazes de garantir a valorização de narrativas que contem quem são esses sujeitos não humanos e quais são as suas muitas formas de se relacionar. Refletimos sobre os relacionamentos (entre humanos, não humanos ou interespecíficos) como sendo transformadores e, portanto, inimigos do projeto de “escalabilidade”, isto é, da noção hegemônica de progresso, expansão e colonialidade/bicolonialidade.

Palavras-chave: relações multiespécies, virada ontológica, ecologia da atenção e do tato, escalabilidade

A redação deste texto tem como uma de suas maiores motivações a reflexão de Vinciane Despret (2016) a respeito de como a vida instiga os seres à criação de laços. Segundo a autora,

¹ Bióloga/PUCRS, Mestra Profissional em Práticas em Desenvolvimento Sustentável /UFRRJ e Doutoranda em Desenvolvimento Rural/UFRGS.

² Cientista Social/UFRGS, Mestra em Desenvolvimento Rural /UFRGS e Doutoranda em Desenvolvimento Rural/UFRGS.

a busca por vínculos ocorre inclusive em períodos de morte, luto ou perigo. No atual contexto pandêmico, ao mesmo tempo em que nos distanciamos uns dos outros, experienciamos a construção de vínculos com a intermediação das tecnologias. Nesses últimos dois anos, conhecemos, via internet, pessoas e até mesmo plantas e animais: rimos, choramos e confiamos.

Dessa maneira, estas linhas têm sua origem no enlace de interpretações, experiências e motivações de uma cientista social e uma bióloga, estudantes do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que, após a atividade de recepção aos ingressantes, em março de 2020, teve seus encontros suspensos pelo contexto pandêmico. As trocas de conhecimentos agora estão restritas aos ambientes virtuais; neste caso, o espaço proporcionado pelas aulas da disciplina Antropologia, Bichos e Plantas, ministrada pelas professoras Graciela Froehlich e Renata Menasche. Como desafios, tínhamos a elaboração de uma tarefa para a disciplina e a intenção de amenizar a sensação de isolamento e as expectativas frustradas (pela pandemia) de uniões de saberes em um curso multidisciplinar, como é o Desenvolvimento Rural.

Durante as aulas remotas, a posição do computador de Natália permite que, ao lado da tela, através da janela, possa ser vista uma ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*). A planta, companhia neste período de estudos, cresce com rapidez, ultrapassa as grades e expande-se ao terreno do vizinho. Paralelamente, no ambiente virtual da disciplina Antropologia, Bichos e Plantas, outra janela, desta vez a do *chat*, mostra a Natália que Renata redigiu uma mensagem falando sobre a dificuldade para manejar, impor limites à ora-pro-nóbis com a qual divide o pátio. Sua fala aprimora as discussões a respeito das relações interespecíficas e intraespecíficas.

Passam-se quinze dias até a próxima aula. Natália percebe que a ora-pro-nóbis, plantada em 2018, em Veranópolis/RS, está prestes a florescer pela primeira vez. Como que por um impulso, escreve para a colega que também se relaciona com uma ora-pro-nóbis em Porto Alegre. A mensagem propõe encontros virtuais para diálogos sobre o conteúdo da disciplina. A bibliografia as incita a buscar outras formas de perceber, pensar e expressar. Renata responde com uma afirmação, conta que a planta que coabita seus dias foi plantada em 2015, e ainda identifica e nomeia as sensações que são compartilhadas pelas duas, desafiadas a uma formação em modelo tão distinto: o ensino emergencial remoto. Como sinal, Renata expressa a vontade de ver as flores de ora-pro-nóbis. Logo após o encerramento da aula, Natália envia uma foto, a flor está semiaberta e serve como pouso, talvez alimento para uma joaninha (*Diabrotica speciosa*),

associada por algumas cosmovisões à sorte e à proteção das plantações. Renata percebe ali uma interação entre os indivíduos, fala sobre o processo de involução (Despret 2016) que os une. Conta que no entorno da sua morada muitas aranhas têm se feito presentes nos últimos dias. Natália recorda o significado das aranhas em uma das aldeias indígenas junto da qual pôde aprender. As aranhas ensinam as mulheres a tecer. Na busca por vínculos, temos agora uma bióloga e uma cientista social em busca de complementos e intersecções. Fluidamente parecemos nos voltar uma para a outra, dispostas a criar novas relações. Juntas nos desafiamos a tecer algumas reflexões sobre o filme e os textos propostos.

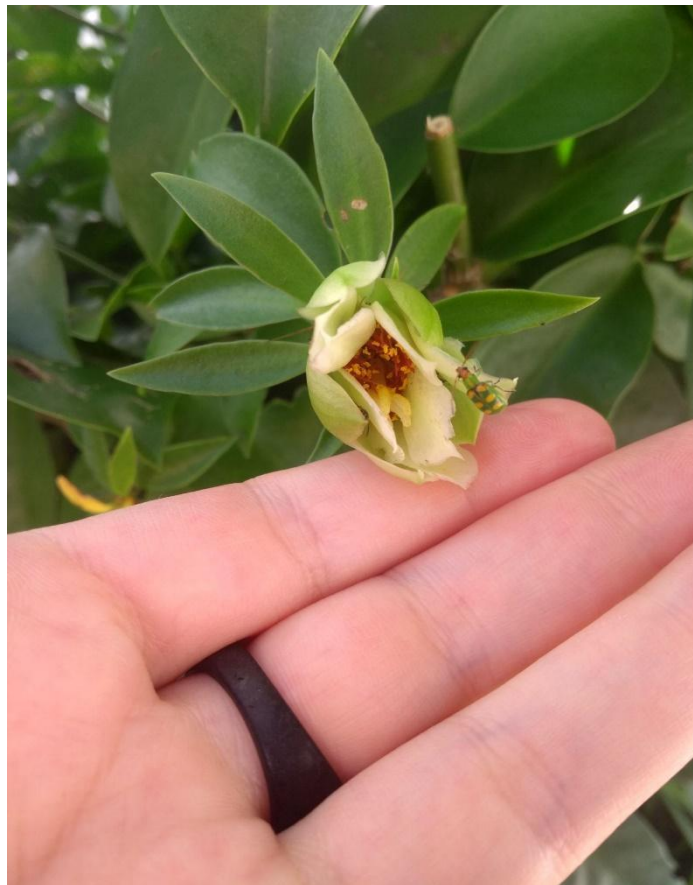


Figura 1 *Pereskia aculeata* prestes a florescer pela primeira vez, em interação com *Diabrotica speciosa*.
Autora: Natália Bristot Migon (2021).



Figura 2 *Pereskia aculeata* florida em Veranópolis, e *Pereskia grandifolia*, na grande Porto Alegre.
Fonte: Produzido pelas autoras (2021).

Talvez com gavinhas³ estabelecidas entre nós, juntas nos aproximamos do filme *Professor Polvo* (2020) e dos estudos que emergem da virada multiespécie. Mergulhamos nos momentos de interações e voltamos para a superfície, que nos permite respiros e novas observações. Seguimos, sentimos a “temperatura” dos autores, vamos nos adaptando aos diferentes ambientes em que os textos são desenvolvidos.

Em um contexto de espinhos, pandemia, isolamento, perdas e luto, há uma florada, há frutos, há diálogo. Ultrapassamos as barreiras dos meios digitais, adaptamo-nos a este novo ambiente. Novos laços estão em formação: como gavinhas, entrelaçamo-nos; como tentáculos, alongamo-nos. Novas histórias podem agora ser sentidas e redigidas conjuntamente. Temos dúvidas se formamos uma dupla ou um quarteto. Desconfiamos estarmos sujeitas a parte de um processo que se assemelha à involução.

Ao refletir sobre a coevolução e a sociabilidade entre espécies e as histórias que essas relações guardam, Haraway (2003) reivindica que existem outras ontologias vividas nos

³ Órgão vegetal através do qual algumas plantas se ligam a outras ou se fixam àquilo que as rodeia.

diferentes mundos que compreendem em *naturezas culturais*. No mesmo sentido, Despret (2016: 18) recorda as cientistas Carla Hustak e Natasha Myers, que, inspiradas em Margulis e em Deleuze, “propõem que se considere as relações entre os animais, as plantas e os seres humanos sob o regime da involução, que completaria o da evolução”. Conforme aponta Despret (2016), a ideia de involução em outros contextos pode designar regressão; contudo, neste caso, indica o aspecto de que diferentes espécies participam uma da vida da outra, pois estão em relação, fazendo constantes trocas que as transformam. A involução se caracteriza, assim, como o processo de relação em que um sujeito se volta para o outro em uma coevolução (Despret 2016). Considerar a ideia de uma involução exige atenção e tato, é preciso estar sensível ao outro, conforme Despret (2016).

Cabe aqui refletir sobre a “virada ontológica”, que questiona a nossa forma de produzir conhecimento, além de compreender que não existe apenas uma epistemologia, mas sim diversas ontologias. Afinal, a compreensão dicotômica e assimétrica que coloca a natureza em oposição às culturas tem contribuído com a extinção de espécies e de cosmologias indígenas que contribuíram delicadamente com a transformação ecológica. Conforme Descola (1998: 25), “[...] não são raros os casos em que povos autóctones se defrontam com a interdição de seu acesso às fontes de reservas, erradamente ditas ‘naturais’, já que foram eles que, por sua presença multissecular, contribuíram sutilmente para transformar sua ecologia”.

Assim, na esteira da virada ontológica, Despret (2016), ao refletir sobre a “antropologia da ciência”, propõe uma “ecologia da atenção e do tato⁴”, que defende que nós, cientistas, devemos formular outras perguntas, que sejam interessantes e inteligentes, na intenção de conhecer outras histórias que contem quem são esses animais e, assim, quem sabe, construir outros laços com e entre esses sujeitos.

Ao comparar as histórias construídas sobre os macacos àquelas que falam sobre os carneiros, Despret (2016) aponta que os arqueólogos construíram uma narrativa em que macacos possuem práticas e são construtores de ferramentas. Trata-se de uma história interessante e até mesmo complexa, afinal, nessa narrativa, os macacos constroem, cuidam e

⁴ Uma ecologia que dá atenção a outras histórias, pensando nos laços que esses sujeitos constroem juntos (Despret 2016).

reparam laços. Já os carneiros não dispõem de uma história glamorosa, são animais “estúpidos” que eventualmente aparecem em narrativas engraçadas (Despret 2016).

Nesse sentido, com os macacos, temos o que Despret (2016) chama de um ciclo virtuoso, no qual elaboramos questões complexas e, na medida em que surgem as respostas, outras perguntas ainda mais elaboradas emergem. Percebe-se que, ao longo da história ocidental, em nossa relação com os animais, hierarquizamos as espécies. Colocamos o ser humano no topo, ou melhor, no centro das relações. Descola (1998) aponta que, apesar de existirem teses que consideram todos aqueles que compõem a natureza como sujeitos, que possuem direitos iguais aos humanos, na prática, classificamos os animais em uma escala de valor. De maneira inconsciente, colocamos no topo as espécies que mais se parecem com as pessoas em termos físicos, cognitivos e/ou emocionais (Descola 1998).

Contudo, como vivemos no antropoceno, não é de se estranhar que os macacos também não tenham tido suas reais histórias contadas. Sim, de fato elas parecem ser bem mais complexas do que as histórias sobre os carneiros; entretanto, não partem de uma perspectiva pragmática, como nos sugere Despret (2016). Elas surgem de teorias prontas, isto é, possuem uma matriz de pensamento que gera uma determinada narrativa. Desconsideram-se tempos diferentes e formas distintas de criar e manter elos (Despret 2016).

Nesse sentido, Despret (2016) recorda uma difundida teoria, segundo a qual a categoria “harém” é utilizada para contar a história de um grupo de macacas. Na narrativa construída pelo termo “harém”, o macaco-macho tem a posse das macacas-fêmeas. Assim, em contraposição, surgem outros olhares, outras questões e, conseqüentemente, outras histórias sobre as relações e os laços que essas macacas mantêm. Afinal, como aponta Despret (2016: 11): “[...] quem disse que os machos escolhem as fêmeas? Que eles se apropriam, que tomam posse delas e que eles são seus soberanos ou dominadores? Nada, a não ser esse termo ‘harém’, induz a essa significação”.

Conforme Despret (2016), alguns estudos feministas vão de encontro à teoria do “harém”. Ao propor outras perguntas, as cientistas acessaram outras histórias, concluindo que, na maior parte dos casos, são as fêmeas que escolhem o macho. No contexto de um grupo de macacas com apenas um macaco, como reflete Despret (2016), por que elas escolheriam mais de um macho, considerando que eles não cuidam dos filhotes e apenas um é o suficiente para a procriação e a manutenção da estabilidade do grupo? Logo, é por meio do que Despret (2016)

chama de “ecologia da atenção e do tato” que se deu atenção e se chegou a outra história, diferente daquela do “harém”. Uma possível narrativa, recordada por Despret (2016), sugere que as macacas-fêmeas e o macho escolhido constroem e mantêm laços particulares.

Imaginem, se os carneiros e os macacos (ambos mamíferos) não têm suas histórias contadas, o que restará “às medusas ou às tênias, nem mesmo os membros mais militantes dos movimentos de liberação animal parecem conceder-lhes uma dignidade tão consequente quanto a outorgada aos mamíferos e aos pássaros” (Descola 1998: 2).

Nesse contexto, o que nos diria o polvo, um molusco?

O filme *Professor Polvo*, produzido por Craig Foster (2020), reforça o convite para uma observação do “outro” com a intenção de deixar-se surpreender com um mundo completamente diferente. Aceitar o convite para relacionar-se simetricamente, considerar o envolvimento, ser sensível, comprometer-se e, assim, ultrapassar o que conhecemos como experimentos controlados. Ser capaz de observar e admirar as interações que possam estar à margem, as quais, muitas vezes, conectam-se a questões fundamentais, que conferem características às histórias. Tudo isso requer, como sugere Despret (2016), atenção e tato, ou ainda, como nos sugere Tsing (2019), é preciso “contingência histórica” e atenção às formas pelas quais o encontro com o diferente pode gerar novas reflexões. É necessário “fricção, importante atributo da *teoria da não escalabilidade*, uma vez que as relações (entre humanos ou interespecíficas), após a colonização europeia, ocorreram nas ruínas do projeto de *escalabilidade* das *plantations* de cana-de-açúcar, que posteriormente serviram como modelo para outros projetos escaláveis (Tsing 2019). São exemplos a Revolução Verde, as barragens⁵ de Sobradinho e Brumadinho em Minas Gerais, o projeto de escolarização universal que subalterniza cosmologias indígenas ou ainda a ciência moderna e suas incansáveis dicotomias assimétricas: sujeito e objeto, natureza e cultura, humanos e não humanos. Deste modo, neste trabalho, buscamos olhar para as ruínas da escalabilidade, atentando para as histórias que emergem da relação entre um humano e uma polvo; um fenômeno não escalável que, em certa medida, pode existir, porque a *escalabilidade* é/está sempre incompleta, como nos mostra Tsing (2019).

⁵ Ambas as barragens eram de rejeitos de mineração. Mariana rompeu em 2015 e Brumadinho, em 2019. Nas ocasiões das referidas tragédias, a população local (humana e não humana) sofreu imensamente.

Desse modo, para a produção do documentário, Foster (2020) busca inspiração nos autóctones do deserto do Kalahari, os quais, conforme afirma, são incríveis rastreadores e, na busca por animais, entram “na ciência sutil da natureza”. Como nos conta Foster (2020), esse povo não apenas interage, mas faz parte da natureza, da qual o cinegrafista também queria se sentir parte, sensação a qual lhe era familiar durante a infância, período em que residia próximo ao mar. Assim, instigado pelos mestres rastreadores do Kalahari, Foster, por meio de seu documentário, convida-nos a mergulhar na floresta tridimensional de algas e nos momentos de interação entre o cinegrafista e “a” polvo.

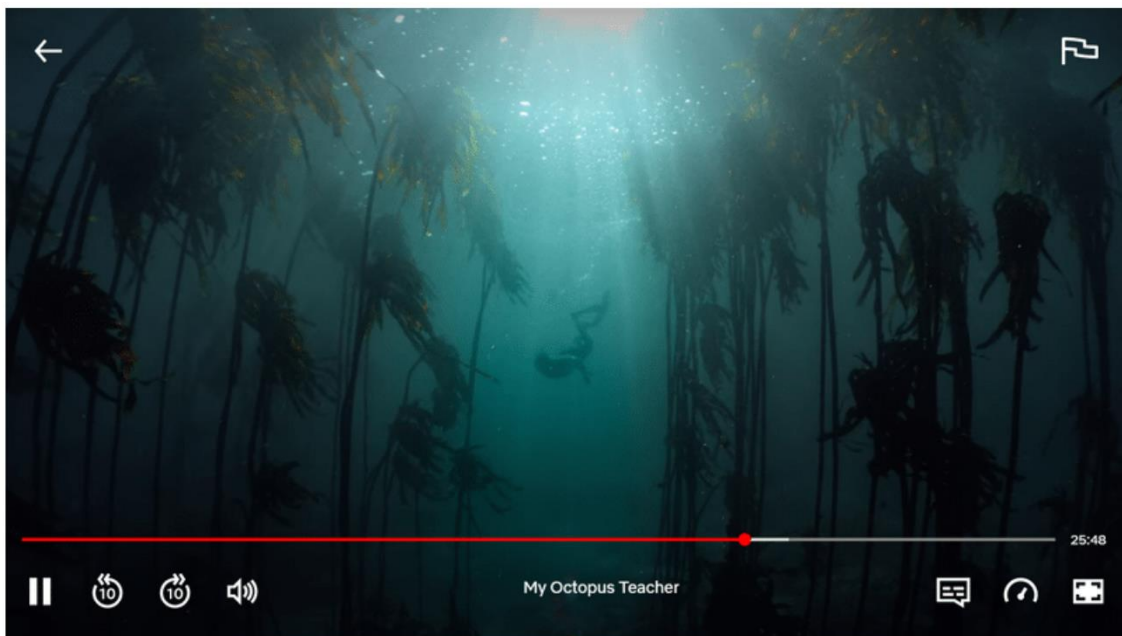


Figura 3 Floresta tridimensional de algas.
Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).

Como nos sugere Foster, a polvo, esse sujeito não humano, tem algo especial a nos ensinar. Assim, conduzidas pelo documentário, delicadamente tateamos (em alusão aos toques delicados entre a mão e os tentáculos) conexões entre o filme e a abordagem de Despret (2016) a respeito da “ecologia da atenção e do tato” e da subjetividade e intersubjetividade, colocadas à prova pela ciência, como nos fala Sá (2012).

O cinegrafista admite estar disposto a pensar como⁶ um polvo e lentamente ir juntando as pistas. Com esse olhar que lhe permite levar em conta a subjetividade social “da” polvo, ele

⁶ No documentário, o cinegrafista fala em “pensar como”, mas, a partir das teorias abordadas, questão capaz de gerar “outras” respostas, seria o “pensar com”.

evita correr o risco de projetar ações humanas sobre um objeto que seria tido como passivo, tendência para a qual Sá (2012) nos alerta. É guiado por este pensar que ele compreende como a polvo lhe percebe, as táticas que ela adota em momentos de predação e fuga, os gestos de confiança e ameaça, os movimentos no fundo e na superfície. A polvo estava lhe ensinando a ser sensível com o outro (Foster 2020). Nesse contexto, o cinegrafista se questiona: o que a polvo estaria ganhando com essas interações com o humano? E conclui que essa relação, que provavelmente durou 80% da vida daquele sujeito não humano, conferia “um estranho nível de alegria de polvo”.

Neste contexto, caso voltássemos à superfície para respirar, tão necessário para os pulmões quanto o oxigênio, seriam as reflexões a respeito das intersubjetividades para os cientistas. Este conceito nos convida, de acordo com Sá (2012), a refletir sobre novas reuniões de coletivos, através de processos nos quais todos são sujeitos de transformações. Em um caso em que uma das partes deixasse de levar em consideração a subjetivação social da outra, a relação seria impossibilitada. Voltando ao universo aquático, onde o cinegrafista e a polvo encontram-se, o laço entre os indivíduos torna-se possível através da observação, respeito, cuidado e admiração, além da consciência de que o elo entre estas duas criaturas é apenas um dos fios que compõem a teia de suas existências.

Como exemplo de subjetividade social destacado no documentário, tem-se a opção do cinegrafista em não agir quando percebe que a polvo estava sendo perseguida por um de seus mais agressivos predadores, o tubarão. Há outros momentos em que também se pode perceber a atenção entre os personagens da trama, como o receio de uma possível quebra de confiança/ameaça que poderia ser desencadeada quando, por descuido, uma lente da câmera cai, assustando a polvo. Ou, ainda, a expressão da admiração pela precisão com que a polvo atinge o músculo abdutor, inserindo neste toxinas que levam suas presas à morte. Ou, então, a surpresa ao perceber a gama de estratégias usadas pela polvo durante a fuga de seus predadores (mudança de cores, texturas, formatos, adesão a conchas ou algas, e, até mesmo, as táticas de fixar-se sobre parte do corpo do predador, ensaiar passos usando dois tentáculos ou, ainda, permanecer fora do ambiente aquático por determinado período). Por fim, a partilha do afeto, quando, após perceber que a polvo brinca com peixes, nota-se que ela se direciona e se aconchega sobre o peito do cinegrafista. Seria um estágio de “alegria de polvo”, que antecede também o momento em que a polvo é vista totalmente relaxada, próxima a outro polvo (encontro raro para esta espécie), em processo de acasalamento.

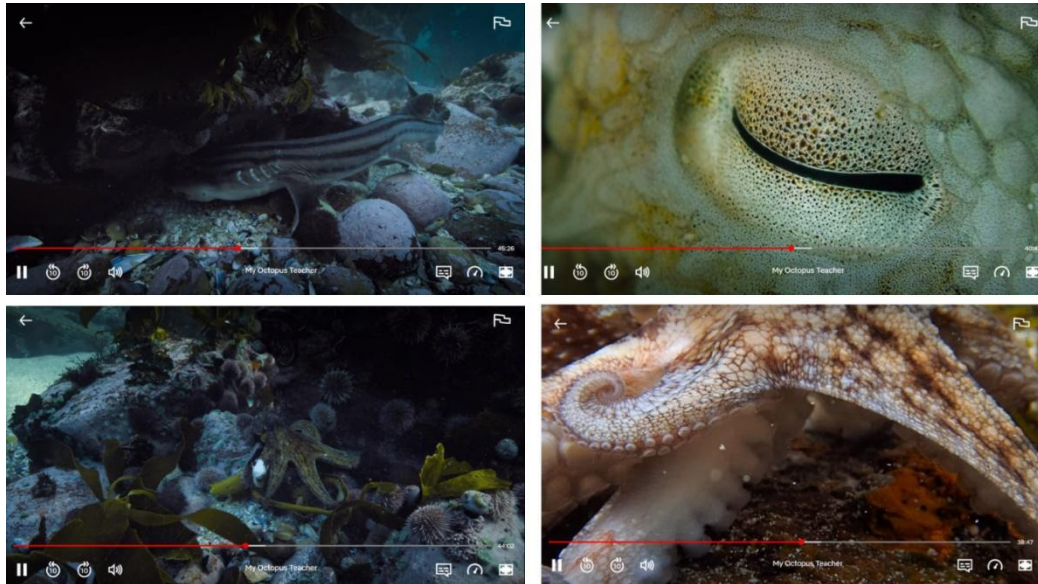


Imagem 4 Cenas do ataque do tubarão e, da recuperação da polvo.
Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).

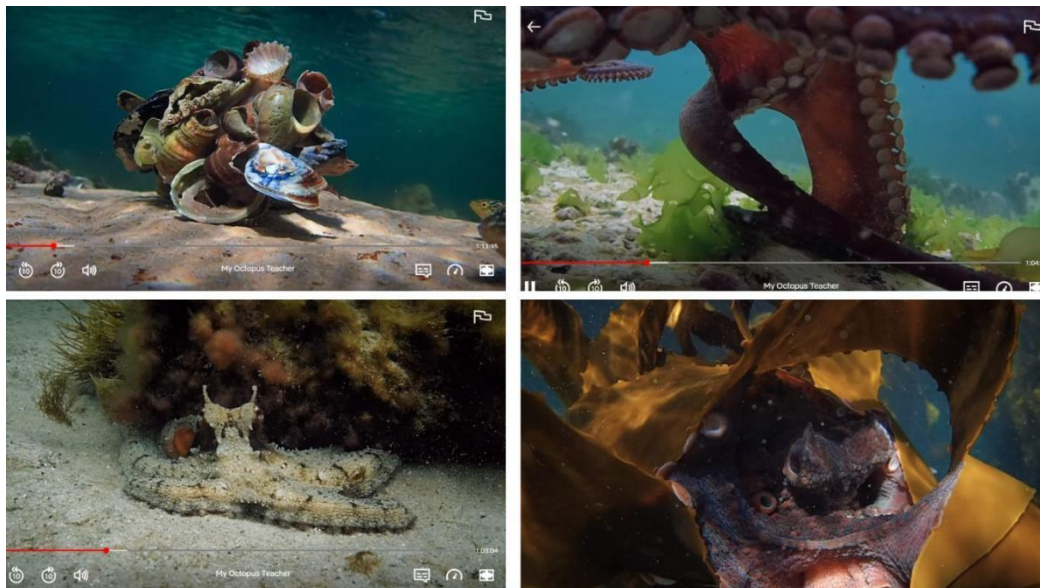


Imagem 5 Estratégias usadas pela polvo durante a fuga de seus predadores.
Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).

Um dos aprendizados partilhados pelo cinegrafista refere-se à rapidez com que a polvo aprende, justificada pela busca pela sobrevivência, a qual estaria atrelada a sua inteligência. Com ciclo de vida curto, pouco mais de um ano, e com dois terços dos neurônios distribuídos fora do cérebro, este animal aprende sobretudo nas relações que estabelece com outros seres. Neste sentido, assumimos as relações como sendo sempre transformadoras, por ocorrerem através do contato com o “outro”, através de uma interação que não é previsível. Estes elos são considerados inimigos da escalabilidade e dos projetos de expansão e desenvolvimento (Tsing

2019). Esta concepção nos incentiva a observar o que emerge nas ruínas da escalabilidade. Nas palavras do cinegrafista: “a polvo traça linhas, ela transmite histórias”.

Talvez até mesmo a percepção ou o conceito de vida possam ser ressignificados nestes encontros. A polvo, que parece deixar-se ir após reproduzir-se, no que parece ser um cronometrar entre a morte e o chocar os ovos, instiga os espectadores (cineasta e nós) a refletir sobre o ciclo ou a continuidade da vida, que aqui parece não se encerrar com o evento da morte, mas prosseguir através da prole, que leva não apenas o fluxo gênico e parte da matéria dos seus progenitores, mas também as histórias. O cinegrafista, como resultado do encontro, deixa-se afetar. Os ensinamentos “da” polvo, aliados à sua dedicação na tarefa “do aprender”, conferem a Foster sabedoria. O cinegrafista confere à natureza seu aprendizado no tocante ao senso de si mesmo, à confiança e à gentileza. Seu aprendizado é compartilhado com o filho, que, além do cuidado parental, recebe e aceita ensinamentos que o motivam a interagir com curiosidade, encantamento e respeito com outras formas de vida. Histórias podem ser também transmitidas, e os encontros podem envolver, além de diferentes espécies, diferentes gerações. Foster conclui que a polvo, acima de tudo, ensinou-lhe que nós, humanos, não somos apenas visitantes, nós fazemos parte da natureza.



Figura 6 Mergulho compartilhado pelo cinegrafista e seu filho.

Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).



Figura 7 Será a prole da polvo?
Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).

Os deslocamentos para os quais somos convidados, como espectadoras/es e como cientistas, parecem ser potencializados através do uso das imagens, sendo estas capazes de “registrar o que dificilmente conseguimos descrever em palavras” (Caiuby Novaes 2012, 2014). Não tocamos a polvo, mas o contato entre tentáculos e mãos, narrado pelo cinegrafista e explicitado pelas imagens em diferentes ângulos, permite/possibilita a elaboração da sensação, a qual, além das mãos, alcança talvez, mais que a cognição, o coração (ou a afeição).

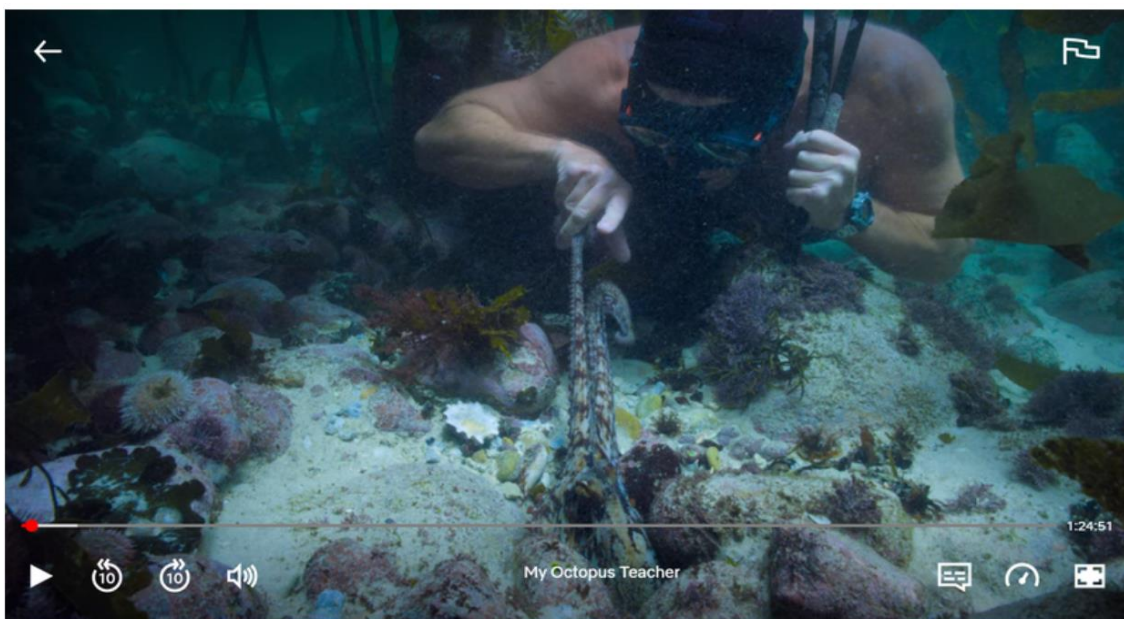


Figura 8 O primeiro contato físico entre o cinegrafista e a polvo.
Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).



Figura 9 A sensibilidade entre mãos e tentáculos.
Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).



Figura 10 A confiança em imagem.
Fonte: Documentário *Professor Polvo* (2020).

Sendo assim, pode-se sugerir que o uso de imagens, conforme Feriani (2019), seja capaz de romper o abismo que as palavras abrem entre o sujeito e o mundo, entre interior e exterior, além de entrelaçar memória, imaginação e criação (Barbosa 2014). Dessa forma, considera-se que o uso desta linguagem possa ser um dos caminhos que nos permite mergulhar em ambientes nos quais se tenha a intenção de aproximar diferentes mundos, ver, perceber e tornar-se, a partir da consideração de diferentes ângulos.

Por conseguinte, através da compreensão e da valorização de visões respeitadas e complementares (Ciências Sociais e Biologia) e sob forte influência da ora-pro-nóbis, uma espécie vegetal, aceitamos esta redação conjunta como um ato prático de aproximarmos e exercitarmos nossos olhares interespecíficos. Encerramos a tarefa ainda mais inspiradas pela teoria que convida à aproximação e à ampliação dessa experiência junto a outras formas de ver, viver, bem como se relacionar. Nesse sentido, torna-se necessário agir por outras formas de co-existir. Ser e convidar a tecer novas tramas. Imaginar enlaces entre galhos, pelos, penas, escamas, metatarsos, esporos, hifas, micorrizas. Concluimos o texto de braços abertos, intenção que seguirá além deste ponto final.

Referências

- BARBOSA, Andréa. 2014. “Imagens, pesquisa e antropologia”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 3(2): 3-8.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. 2012. “A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia”. *Iluminuras*, Porto Alegre, 13(13): 11-29.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. 2014. “O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia”. *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], 3(2): 57-67.
- DESCOLA, Philippe. 1998. “Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia”. *Mana*, 4(1): 23-45.
- DESPRET, Vinciane. 2016. “O que diriam os animais se...”. Belo Horizonte: Chão da Feira. *Caderno de Leituras*, 45: 1-20.
- FERIANI, Daniela. 2019. “Da alucinação na clínica ao ver alucinatório da imagem: um percurso etnográfico”. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, 4(1): 14-49.
- HARAWAY, Donna. 2003. *O Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante*. Chicago: Prickly University Press. Traduzido por Sandra Michelli da Costa Gomes. pp. 1–39.
- PROFESSOR Polvo. 2020. Direção de James Reed, Pippa Ehrlich. Produção de Craig Foster. S.I: Netflix. Son., color. Legendado.
- SÁ, Guilherme José da Silva. 2012. “Outra espécie de companhia: intersubjetividade entre primatólogos e primatas”. *Anuário Antropológico*, 37(2): 77-110.
- TSING, Anna L. 2019. “Sobre a não escalabilidade: o mundo vivo não é submisso a escalas de precisão alinhadas”. In: *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB. pp. 175-200.